Breve reflexão a partir do texto SOBRE LA CATEGORIA GENERO. UNA INTRODUCCION TEORICO-METODOLOGICA de Teresita Barbieri

Ao ler o texto de Teresita Barbiere a experiência junto a mulheres e bebês na ala materno infantil da Penitenciária Feminina da Capital foi surgindo, quase que acompanhando as palavras da autora. Talvez porque o sistema prisional represente de forma tão crua todo um sistema de opressão e sobretudo de poder. Ora, ainda que o passado seja borrado a autora muito bem coloca que a história da dominação masculina é fruto de um processo histórico, de resolução de conflitos. Por mais que seja difícil pensarmos em um mundo não patriarcal, já que estamos nele há muitos e muitos anos, tal concepção desnaturaliza a mulher como essencialmente inferior/frágil ou outros tantos adjetivos que usam para nos caracterizar.

Na penitenciária a diversidade do que é ser mulher também se escancara. Eu, mulher branca, elas, em sua maioria, negras, sem contar as diferenças de classe e tantas outras que constituem nossas histórias. A utilização do gênero como categoria de análise parece ressaltar a interseção entre tantas outras marcas da diferença.... Diferenças etárias, de raça, classe...

No universo da primeira infância, e infelizmente não somente nele, há uma polarização entre o que seria o direito da mulher-mãe e o que seria o direito do bebê. Nesse contexto o bebê deve ser protegido de sua mãe criminosa. Não à toa ele é arrancado de sua mãe após 6 meses, sem que seja feito nenhum trabalho de vinculação e adaptação desse bebê em sua nova “casa” (abrigo ou família extensa). A mãe tampouco é considerada nessa separação, tendo que viver no próprio corpo as dores dela (leite empedrando, impossibilidade de dormir e uma diversidade de sintomas que escanraram o sofrimento).

Ao ler surgiram alguns pensamentos... Que tal situação escancara muito mais uma relação de poder para com o corpo da mulher. Porque se fosse uma preocupação legítima com o bebê em si, ele não seria considerado uma tábula rasa que pode ser arrancado de um braço e colocado em outro qualquer. Em nome do direito do bebê se violam os direitos das mulheres. Enquanto, na verdade, ambos, mãe e bebês estão tendo seus corpos violados em nome de tal sistema de poder.

O trecho “ Se requiere también de conocer las colas de las distribuciones y esas zonas oscuras y límites de la sociabilidad, sobre las que da miedo y produce dolor pensar”(p.12), fez lembrar a colocação de Batinder, em O Mito do Amor Materno, quando essa autora também defende que nos debruçarmos sobre o que extrapola a norma dá medo, exatamente por estarmos em terreno de disputa por poder.